

## GT 6. Revoluções na América Latina e dilemas do socialismo

# ***Contre le courant: trotskistas na ditadura civil-militar brasileira (1968-1971)***

**Tiago de Oliveira\***

**Resumo:** Neste trabalho analisamos os momentos iniciais de formação da quarta geração do movimento trotskista no Brasil. Diferentemente das anteriores mais de uma organização reivindicará o trotskismo se expressando, também, de maneira mais acentuada as divisões e polêmicas do movimento trotskista internacional. Inseridas em um processo histórico mais amplo, do surgimento da nova esquerda a partir dos anos 1960, esses trotskistas serão marcados pelas peculiaridades desse período, notadamente as conseqüências políticas do golpe civil-militar e a questão da luta armada. São discutidas a formação de duas vertentes trotskistas, o Movimento Estudantil 1º de Maio e a Fração Bolchevique Trotskista, que vão iniciar um processo de unificação; e uma vertente que se forma a partir do exílio de militantes brasileiros no Chile, que no processo de autocrítica da luta armada aproximam-se do trotskismo e fundam o Grupo Punto de Partida.

**Palavras-chave:** trotskismos no Brasil; IV Internacional; luta armada.

No final dos anos 1960 tem início no Brasil a formação de um novo momento na história do trotskismo, trata-se da formação da quarta geração, tal como sugere a periodização de KAREPOVS e MARQUES-NETO (2007). Essa geração esta inserida em um processo mais amplo de surgimento da *nova esquerda*, período aberto com a criação da POLOP e que vai se adensar após o golpe civil-militar de 1964, com o surgimento de várias organizações (REIS Fº et alli, 2005). Marcado por esse processo político-histórico em que se iterconectam linhas de forças nacionais e internacionais vai se delinear as características do projeto político dos trotskismos no Brasil. O plural da expressão não é fortuita, pois é preciso reconhecer que essa tradição política possui características próprias da formação socio-história onde seus

---

\* Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. Mestrando do PPGH, linha tematica História Comtemporânea III. [tiagooliveira@id.uff.br](mailto:tiagooliveira@id.uff.br)

militantes estão inseridos (BIANCHI, 2012); também porque desde os anos 1950 o movimento trotskista internacional passou por uma importante cisão, sendo mais exato usar o plural (BENSAID, 2008); mas com efeito, será a partir desse novo momento que, diferentemente dos anteriores, mais de uma organização vai reivindicar o trotskismo no Brasil, passando a se expressar também aqui, articuladas com o desenvolvimento da luta de classes do Brasil, de maneira mais acentuada, as polêmicas e divisões do movimento trotskista internacional.

Ganha relevo nas organizações da *nova esquerda* a opção pelas armas no combate à ditadura. Seja na teoria do *foco* Guevara/Debray ou na *guerra popular prolongada* maoísta, ocorrendo o deslocamento do sujeito revolucionário da classe operária para o camponês. A revolução seria desencadeada a partir do campo, com variantes que incorporavam também a combinação da luta armada no campo com os movimentos de massa nas cidades (RIDENTI, 2005). Imbuídos da particularidade desse momento histórico, as novas organizações trotskistas serão marcadas, seja na crítica ou na adesão, à alternativa da luta armada.

Despontam então três vertentes do trotskismo nesse período. Em 1968 surge em São Paulo o Movimento Estudantil 1º de Maio. No mesmo ano a partir do Rio Grande do Sul militantes expulsos do POR-T, único representante do trotskismo desde 1952, formam a Fração Bolchevique Tortsquista. Já nos anos 1970 surgem mais outras duas organizações ligadas ao trotskismo. Em 1971 um grupo de ex-militantes da luta armada, no exílio chileno, elaboram uma auto-crítica da alternativa armada e se aproximam do trotskismo. No mesmo ano parte do Partido Operário Comunista, a partir do exílio francês vai aderir ao trotskismo, propondo o desencadementamento da luta armada no Brasil<sup>1</sup>. Antes de prosseguirmos faz-se necessário um breve panorama acerca do movimento trotskista internacional.

### ***Do entrismo sui generis à luta armada***

Fundada em 1938 na França a IV Internacional sofrerá uma importante ruptura em 1953 após seu III Congresso. Contrários à tática do entrismo *sui generis* nos PC's e movimentos nacionalistas, militantes expulsos vão formar o Comitê Internacional (CI), impulsionados principalmente por militantes expulsos da seção francesa (que formam em seguida a Organisation Communiste Internationaliste - OCI) , a SLL da Inglaterra e o Socialist Workers Party (SWP) dos EUA.

<sup>1</sup> O presente trabalho não vai abordar essa vertente do trotskismo no Brasil, esta será objeto de nosso próximo trabalho, em breve.

Na América Latina essa divisão se expressa em grupos e frações antagônicas, vinculados aos desdobramentos da cisão da IV. Uma das organizações latinoamericanas se vinculam ao Buereau Latino Americano (BLA)<sup>2</sup> do Secretariado Internacional da IV Internacional, dirigido pelo argentino J. Posadas, pseudônimo de Homero Cristalli, que teve a sua organização reconhecida como seção oficial da IV, no III Congresso. Outra parte vai se vincular ao Secretariado Latino-Americano do Trotskismo Ortodoxo (SLATO), criado em 1956 pelo CI, e tinha o Partido Obrero Revolucionario, do dirigente Nahuel Moreno, sua principal base (LOWY, 2005).

A revolução cubana de 1959, e o caráter socialista da revolução assumido por Fidel Castro em 1961 ocasionará a unificação de organizações em torno ao acordo na análise comum de que surgira um estado operário, com a adesão do SWP, seções da América Latina – organizadas em torno do SLATO – e o Secretariado Internacional (SI) juntos conformarão o Secretariado Unificado (SU) em 1963. O prestígio dos dirigentes cubanos entre a vanguarda, principalmente com a constituição da OLAS, e com a crescente adesão das organizações de esquerda à luta armada vão impactar a IV (SU) e em seu nono congresso, em 1969, vai aderir ao projeto político de desencadeamento da luta armada. O SU se divide então em tendência minoritária, contrária a luta armada, aglutinado principalmente pelo Partido Revolucionario de los Trabajadores - La Verdad (PRT-LV) do dirigente argentino Nahuel Moreno e o SWP do dirigente americano Peter Camejo, que em seguida será denominada de Tendência Leninista Trotskista, e uma tendência majoritária defensora da luta armada, representada pelos dirigentes europeus Livio Maitán e Ernest Mandel do SU<sup>3</sup>. Ainda em 1962 J. Posadas através do BLA rompe com o SI e forma a sua própria Internacional (LEAL, 2004).

### **Movimento Estudantil 1º de Maio e Fração Bolchevique Trotskista**

No 1º de Maio de 1968 em São Paulo, na praça da Sé manifestantes interromperam a comemoração organizada pelo Movimento Intersindical Anti-arrocho, que contava inclusive com a participação do governador do estado Abreu Sodré<sup>4</sup>. Tomaram de assalto o palco do ato, com palavras de ordem contra a ditadura e após a intervenção da polícia saem em

---

<sup>2</sup> Através de enviados do BLA ao Brasil será organizado o POR-T (LEAL, 2004).

<sup>3</sup> Para um panorama da história da IV Internacional sugerimos SAGRA, 2010 e BENSALID, 2008.

<sup>4</sup> Para mais informações sobre o 1º de Maio de 1967 na praça da Sé e sobre o MIA sugerimos RIDENTI, 2005, p.180 e FREDERICO, 1987, p. 53-57.

passseata. Uma parte desses manifestantes, principalmente estudantes, a partir da Faculdade de Filosofia, na rua Maria Antonia decidem escrever um panfleto sobre o ocorrido. Ao assinar o panfleto decidem por assiná-lo como Movimento Estudantil 1º de Maio.

A ideia de formar um novo grupo político já existia pelo menos desde abril do mesmo ano. Arkan Simaan um dos membros fundadores do ME1º de Maio conta que antes do primeiro de maio ocorreu uma reunião na Maria Antonia com esse objetivo. Deste paraticiparam ativistas que desenvolviam uma militância no movimento estudantil e ex-militantes do POR-T, dentre estes estavam os que editaram, no ano de 1967, o jornal Chispa. Este jornal teve vida curta, foram lançadas tres edições Ao contrário do que se supunha o ME1º de Maio não foi uma ruptura com o POR-T posadista.

Entre os ex-militantes do POR-T estavam os que editaram no ano de 1967 o jornal Chispa, estes eram Fábio Munhoz, Júlio Calasso e Mtnos Calil. O jornal representou um ensaio de afastamento em relação ao POR-T, que desde 1962, vê se acentuar o controle do grupo político de J. Posadas sobre o partido<sup>5</sup>. De vida curta, com somente tres números, e fortemente marcado pelo filtro posadista, Chispa é dissolvido com o pedido de reingresso ao POR-T pelos editors (Chispa, 1967, nº3). Fracassado o intento em reingressar no partido posadista, os tres estarão na origem do ME1º de Maio junto com Arkan Simaan, Ottaviano De Fiori, ambos ex-militantes do POR-T e Luiz Araújo, entre outros. Fábio Munhoz, que ingressara no curso de história no ano de 1968, já estava em contato com os operários de Osasco, onde a oposição tinha vencido a eleição sindical recentemente. É desse contato que esse grupo fundador do ME1º de Maio soube que ocorreria uma contra-manifestação no 1º de Maio (SIMAAN,2013). Depois do primeiro de maio novos militantes integram o grupo que a partir de então será denominado de ME1º de Maio.

O ME1º de Maio, como o próprio nome aponta, era um movimento, com atuação principalmente no movimento estudantil, com reuniões abertas, sem um órgão dirigente claramente definido, ou com uma imprensa própria, era algo semelhante a uma tendência estudantil, tão comum no movimento estudantil de fins dos anos 1970. Realizavam reuniões abetas, agrupando em torno de 50 pessoas, intervinham no movimento estudantil, distribuíam panfletos, participavam de passeatas, das eleições para os grêmios estudantis, mas não possuíam um programa político, ou um projeto político elaborado. Mesmo com essas

---

<sup>5</sup> Sobre o projeto político de J. Posadas e o posadismo no Brasil, bem como a resistência por parte de uma parcela da militância em 1966 com o documento "*Criticar, Planejar Construir Partido Coletivamente*", do qual Fábio Munhoz foi um dos signatários, sugerimos LEAL, 2004.

características, desde o início, seus integrantes reivindicavam o trotskismo, rejeitando tanto o reformismo conciliador do PCB, quanto a alternativa da luta armada, defendida por várias organizações no período (GASPAR,1973; ARAÚJO,1973 e SIMAAN, 2013).

Esses momentos iniciais do ME1º de Maio, sua característica de movimento aberto, uma organização artesanal, tal como disse Lênin, trazia as marcas de uma tentativa de se contrapor a militância posadista depois de sua guinada sectária. Até 1969 o núcleo dirigente do ME1º de Maio era composto pelos ex-militantes do POR-T. A tendência por transformar o ME1º de Maio em uma organização política, com programa, projeto, planejamento e centralizada, um embrião do Partido Revolucionário, vai se adensar com a desarticulação desse primeiro núcleo dirigente e com o avanço da repressão, principalmente após o AI-5. Em 1969 Fábio Munhoz é preso, logo após sua saída ele abandona a organização e parte para o exílio chileno, junto com ele abandonam a militância Júlio Calasso e Mtnos Calil. A impossibilidade de manter o funcionamento da organização, devido a repressão, vai alterar sua forma organizativa e em 1969 tem início a formação de células clandestinas. Esse processo se adensa cada vez mais

Tomamos consciência da situação e de nossas responsabilidades. Fizemos uma discussão ordenada e produtiva, Alf[redo] Diogo e eu, onde muita coisa começou a se esclarecer, definir.

(...) a mudança da situação política, o ato 5 com o refluxo, que nos obrigou a adotar novas formas organizatórias. As reuniões assembleias já não eram possíveis. A gente mudaria a forma de nos organizar em 69 e o próprio caráter da organização. Em 69 já não se falava em 'frente de massas'. E 'era consenso' que a gente tinha um programa. Entretanto, a gente estava de olhos fechados diante do fato de que sempre fomos, até hoje, o caos! Porque, verificada a impossibilidade dos planos de 68, passamos a nos considerar uma org. partidária, mas sem objetivos claramente definidos, sem traçar nossos passos, sem formas organizatórias disciplinadas, sem planejamento, enfim, sem um programa advindo de uma realidade concreta.(ARAÚJO, 1970)

Em 1970 tem início uma nova fase do 1º de Maio com a busca de uma intervenção política além do movimento estudantil, com intervenções no movimento operário e bancário, surge a *Organização Comunista 1º de Maio*.

Concomitantemente ao desenvolvimento político do ME1º de Maio desenvolvia-se também a partir da expulsão da regional do POR-T no Rio Grande do Sul<sup>6</sup>, outra organização

<sup>6</sup> Os militantes do Rio Grande do Sul desenvolviam a organização de comitês operários, o que foi condenado pela direção do partido, sua continuidade implicou na expulsão (LEAL, 2004, p. 218).

trotskista, a FBT. Esta, formada também em 1968, diferentemente do ME1º de Maio, surge como uma organização política, com uma imprensa própria, com avaliações políticas e bem estruturada. Por outro lado até 1970, a FBT sustenta a possibilidade de desenvolver sua política no interior da IV Internacional (posadista)<sup>7</sup>, o que era descartado pelos trotskistas de São Paulo. Vale destacar que esses militantes até então estavam isolados do debate e polêmicas do movimento internacional trotskista, consequência do controle político do grupo de J. Posadas. Esse isolamento só vai começar a ser superado pelos contatos estabelecidos com organizações no exterior, ocasionados pelo exílio e a viagem de militantes [nota doc's que apontam isso]. Assim, esse primeiro momento da FBT será marcado por críticas e permanências em relação ao posadismo. Vejamos.

Em 1969 é apresentado o documento *"A Crise da Quarta Internacional e a Necessidade da Unificação das Tendências Trotskistas Mundialmente"*, como suplemento nº2 do jornal *Voz Proletária*<sup>8</sup>. Este documento é parte das resoluções da 1ª Conferência da FBT, realizada em 1968, o objetivo segundo a apresentação, quando da publicação como suplemento, era iniciar uma batalha política pelo fim do "monolitismo" e combater o desvio sectário do POR(T), propondo para tanto "um congresso da Seção Brasileira da Internacional posadista, com a participação da Fração Bolchevique-Trotskista." (*Voz Proletária*, sup.nº2:1969:12) Mesmo relativizando esse objetivo em 1969 mantém como interlocutores os posadistas e aponta a perspectiva da necessidade de unificação com as tendências trotskistas da Europa. Certamente os europeus chamam a atenção dos trotskistas brasileiros devido as jornadas de maio-julho de 1968 na França. No ano seguinte Vito Letzia em viagem a Europa estabelece contato com a OCI e com a Socialist Labour League (SLL) na Inglaterra, organizações do Comitê Internacional da IV Internacional<sup>9</sup>.

Na resolução "A Crise da Quarta..." é realizado um balanço do posadismo. Para a FBT Posadas seria a resposta adequada a um período histórico anterior, quando o nacionalismo e os PC's ainda mantinham controle sobre o movimento de massas na América Latina. O dirigente argentino teria percebido as especificidades da luta de classes do continente, diferentemente dos dirigentes europeus, dessa forma a ruptura de Posadas foi não

<sup>7</sup> A FBT intitulava-se Fração Bolchevique Trotskista, Seção Brasileira da IV Internacional.

<sup>8</sup> "A Crise da Quarta Internacional e a Necessidade da Unificação das Tendências Trotskistas Mundialmente". Suplemento nº2 do jornal *Voz Proletária*, fevereiro de 1969.

<sup>9</sup> A viagem de Vito Letzia para a Europa é mencionada na correspondência entre Francisco Solano e Arkan Simaan. *Carta de Philippe [Francisco Solano] a Raul [Arkan Simaan]*, 02/03/1970. Em outubro de 1969 ele entrou em contato com a OCI, debatendo com Stpahn Just, esta reunião foi registrada em ata por Francisco Solano. *Ata discussão Vito Letzia e Stpahn Just*, outubro de 1969.

só acertada como inevitável

E Posadas – e o posadismo nesta época [período anterior] – significavam uma interpretação de um período histórico que não foi interpretado por qualquer outra corrente. Posadas foi o setor da Quarta Internacional que entendeu como a Internacional devia se mover dentro da etapa do nacionalismo. As análises sobre o nacionalismo são de Posadas. Não de outros. A 4ª Internacional Européia avançou até um certo ponto e depois começou a se decompor depois da Segunda Guerra Mundial, muito lentamente, mas começou a perder força, a perder capacidade de militância. E esta perda de força e capacidade de militância se devia ao fato de que o motor da revolução mundial não estava mais na Europa, estava nos países coloniais, como analisava a própria Internacional Européia naquela época. (...) E além de o motor da revolução mundial estar nos países coloniais, o fenômeno do nacionalismo e a compreensão de como se dá o processo de revolução aqui na América Latina, só foi compreendido pelos militantes que fizeram a sua experiência revolucionária aqui na América Latina, cuja expressão mais alta foi Posadas naquela época. (...) Posadas rompeu porque representava uma experiência superior. (Voz Proletária, sup.nº2,1969:3)

Porém para os trotskistas da FBT o nacionalismo e os PC's já não controlavam o movimento de massas, assim, com a alteração da situação política as respostas posadistas já não eram suficientes, era preciso ir além. Mas esse ir além não significava uma ruptura com o legado posadista, tratava-se de um *"passo a frente além do posadismo daquele período. Dar um passo a frente significa mudar os objetivos no que diz respeito a atuação do Partido no movimento de massas."* Essa elaboração da FBT estava ligada a uma avaliação da política desenvolvida pela regional do POR(T) no Rio Grande do Sul, onde os militantes conseguiram estabelecer contatos com o movimento operário da região. Esta política era avaliada pela regional como positiva e sua continuidade implicou na expulsão de toda a regional, originando a fração (LEAL,2004, p.214-222). Para a fração essa era a política adequada para o novo período histórico, *"o Partido tem que se ligar às correntes do movimento de massas e se colocar como sua espinha dorsal, como seu eixo.(...) e para dar esse passo Posadas não tem servido."*(Voz Proletária, op.cit., p.4-5)

A FBT concretiza esse passo além em quatro frentes, na sua constituição como fração, na perspectiva de buscar a unificação das correntes trotskistas, especialmente as da Europa com a Internacional Posadista, na crítica ao monolitismo e no chamado ao Congresso do POR(T) com a participação da Fração e de outros militantes que se afastaram, ou foram expulsos. Tratava-se então de modificar a política do partido, retomar o centralismo democrático e aproximar a Internacional (posadista) das correntes internacionais do

trotskyismo atuantes na Europa.

### ***FBT e OC 1º de Maio: início do processo de unificação***

Ainda em 1968 houve a tentativa de unificação dos trotskistas. Em São Paulo, militantes que formaram a FBT entram em contato com Fábio Munhoz buscando a unificação. Esta não se efetivou devido a divergências quanto a direção da nova organização. Os militantes de São Paulo reivindicavam para si a direção da organização em São Paulo, o que não era aceito pelos militantes do Rio Grande do Sul, estes já projetavam a FBT como uma organização implantada nacionalmente.

No contexto da 1ª Conferência da Organização Comunista 1º de Maio (1972-1973) a história do ME 1º de Maio é retomada com a apresentação de documentos onde podemos a avaliação desse acontecimento, vejamos

Pelo que nos consta, o contato com os ex-militantes posadistas do sul se deu antes de julho/68.

A divergência fundamental não foi jamais a que o companheiro aponta (método de reconstrução da Internacional Comunista ...). Isto jamais foi sequer insinuado pelos ex-militantes posadistas do ME 1º de Maio.

Houve, quanto aos problemas políticos, acordo (crítica ao monolitismo, influência, etc.).

Houve, isto sim, divergência na hora de dividir os cargos de direção, e que era dito confessadamente, em 68. Cada grupo queria ser majoritário. A fração não aceitava nem a paridade.

Os ex-militantes posadistas do ME 1º de Maio também acreditavam na possibilidade de formar uma organização em nível nacional. Tanto é que quase se tornam militantes da Fração, e dão o nome a este grupo, segundo diz o documento.<sup>10</sup> Por outro lado, o próprio fato de os ex-militantes posadistas do ME 1º de Maio terem dado o nome a Fração e terem participado de seu processo inicial de formação, é reflexo de algo.

Reflexo de que não enxergavam o posadismo falido.

A Fração, logo após sua formação, faz viagens ao exterior para restabelecer contato com os posadistas internacionalmente.<sup>11</sup>

O que motivou a saída do posadismo – diziam uns e outros – foi fundamentalmente suas divergências com a direção nacional. Estavam longe de verem o posadismo

<sup>10</sup> Em carta de 25/02/1970 de Arkan Simaan, ainda exilado em Port Of Spain, para Francisco Solano, na França desde 1968, narra esse episódio no mesmo sentido exposto no documento. *Carta de Manuel [Arkan Simaan] para Filinto [Francisco Solano], 25/02/1970*. Acervo pessoal de Arkan Simaan.

<sup>11</sup> A viagem de militantes da FBT para a Europa é mencionada na correspondência entre Francisco Solano e Arkan Simaan. *Carta de Philippe [Francisco Solano] a Raul [Arkan Simaan], 02/03/1970*. Trata-se do militante Vito Letzia, que em outubro de 1969 entrou em contato com a OCI, debatendo com Stpahn Just, esta reunião foi registrada em ata por Francisco Solano. *Ata discussão Vito Letzia e Stpahn Just, outubro de 1969*. Acervo pessoal de Arkan Simaan.

totalmente falido. (ARAÚJO, 1973. sublinhado no original.)

Podemos afirmar, como vimos mais acima, que a perspectiva de desenvolver um combate político no interior do movimento posadista existia de fato na FBT. Se essa perspectiva esteve entre os militantes do ME 1º de Maio ela esteve circunscrita aos ex-militantes do POR-T, especialmente os que editavam Chispa, no entanto ela deixa de existir com a saída desses militantes e com o desenvolvimento político dos militantes paulista.

A Fração por sua vez na sua 2ª Conferência, no início de 1970, formalizará a ruptura com o posadismo, essa mudança política em grande medida esta ligada com a viagem de Vito Letzia para a Europa em 1969, onde manteve contato com a Stphan Just da OCI, seção francesa do Comitê Internacional (CI) da IV. Em carta de março de 1970 destinada à direção da OCI Vito Letzia informa a resolução da conferência

La Conférence a été le pas final dans le processus de différenciation de la Fraction par rapport au mouvement posadiste. Dans la Conférence on a discuté en termes de rupture complète avec les conceptions de la soi-disant internationale de Posadas, tout à fait diversement de ce que s'est passé dans la I Conférence. En conséquence, on a tiré la résolution formelle de rompre tous les liens avec l'organisation posadiste. Les discussions que nous avons fait à Paris et à Londres ont joué un rôle important dans la clarification du caractère du mouvement posadiste par la Fraction. Elles nous ont permis de voir le signification de Posads dans le mouvement trotskiste mondial avec une précision qui nous était impossible d'atteindre par la seule expérience d'Amérique Latine. (LETZIA, 1970)

As mudanças políticas internas dos trotskistas nesse período 1968-1970 vai possibilitar que a perspectiva de unificação seja perseguida concretamente. A ruptura da FBT com o posadismo e a evolução política do ME 1º de Maio, de um movimento para uma organização política, tornando-se Organização Comunista 1º de Maio, convergem para que em julho de 1971 seja constituído o Comitê de Unificação- FBT-OC 1º de Maio, dando início às discussões para a unificação (*História do 1º de Maio*, 1973, p. 20). Por outro lado, deve-se ressaltar, nesse processo, a importância do contato com o movimento trotskista internacional, quebrando o isolamento político imposto pelo posadismo.

Em entrevista realizada em dezembro de 1971 os militantes do Comitê de Unificação- FBT-OC 1º de Maio afirmam

La lucha por las libertades democráticas y sindicales, contra las leyes antiobreras y

antidemocráticas, y por la libertad de todos os presos políticos, es la base de la lucha del proletariado en el actual momento. (...) Nosotros buscamos a la forma de constituir este frente para la acción. Llamamos a este frente, pero al mismo tiempo, luchamos por la construcción del partido trotskista, y por la revolución socialista.(...) Consideramos que la unificación de la organización comunista 1º de Mayo y la Fracción Bolchevique Trotskista, es un paso adelante en la lucha revolucionária y de classe y en la construcción del partido leninista en Brasil. (...) La construcción del partido la vemos como un proceso simbiótico entre nuestra unificación y nuestra participación y fortalecimiento en las luchas obreras y estudiantiles y la integración, dentro de este mismo proceso de otras tendencias que, evitando las variantes pequeñoburguesas del reformismo y del militarismo, se volquen a la classe obrera y se dirijan hacia el marxismo, es decir hacia el trotskyismo. (Revista de América, 1972: pp. 40-41)<sup>12</sup>

### **Grupo Outubro**

Na França, por sua vez, Arkan Simaan, Deivis Hutz (ambos exilados) e o ator Francisco Solano, junto com outros brasileiros que participavam do Centro de Estudos Marxistas Latino-americano, junto à OCI, em 1971 criam o grupo Outubro<sup>13</sup> com o objetivo de auxiliar a unificação dos trotskistas no Brasil (SIMAAN, 2013).

Engajamos com o 1º de Maio e a FBT a tarefa da unificação dos trotskistas brasileiros sob a bandeira do Programa de Transição e da IV Internacional. Esta unificação será um passo importante na construção do Partido Revolucionário no Brasil. (Revista Outubro, 1972, nº1,p.3)

Em agosto do mesmo ano Solano retorna ao Brasil para se inserir no processo de unificação, como representante dos trotskistas brasileiros na França. Nas discussões que seguem no CU ocorrem divergências quanto ao movimento trotskista internacional, os trotskistas no Brasil iniciam contatos com organizações trotskistas da América Latina, com a Política Obrera (PO) da Argentina e o Partido Obrero Revolucionário (POR) da Bolívia, organizações que participam do CI; mas também entram em contato com o PRT-LV do dirigente argentino Nahuel Moreno, que compõe a tendência minoritária do Secretariado Unificado, junto com Peter Camejo, do Socialist Workers Party (EUA), opositores da adesão à luta armada adotada pela maioria do SU<sup>14</sup>. Vale frisar que é nesse momento que os

<sup>12</sup> Esta entrevista foi publicada primeiramente no periódico do PRT-LV, La Verdad. Foi publicada também em janeiro de 1973 na primeira edição da Revista Punto de Partida, em 1973, no Chile.

<sup>13</sup> O nome refere-se obviamente ao outubro da Revolução Russa de 1917, mas também ao outubro da Revolução Conselhos Húngaros de 1956, onde a classe operária pôs-se de pé contra o stalinismo ( *Revista Outubro*, 1972, nº1).

<sup>14</sup> Como dissemos mais acima, o CU concedera uma entrevista à La Verdad em 1971. No mesmo ano firmam um

trotskistas no Brasil conhecem os debates e polêmicas do movimento trotskista internacional. Outubro já surge vinculado às posições do CI<sup>15</sup>.

Além das divergências políticas internacionais, o processo de unificação é dificultado pela repressão que quase desarticula a FBT, após nova queda em 1972. Em 1973 Outubro torna-se uma terceira organização trotskista. A unificação dessas organizações só vai se dar em 1976, com a criação da Organização Socialista Internacionalista (OSI), seção do Comitê de Organização pela Reconstrução da Quarta Internacional (CORQUI), surgida em 1972, impulsionada pela OCI, depois da ruptura da SLL com o CI.

### ***Exílio, autocrítica da luta armada e trotskismo: Punto de Partida***

No exílio chileno uma parte de militantes brasileiros, de organizações diversas, vão se aproximar do trotskismo. Entre esses militantes estavam Jorge Pinheiro e Maria José Lourenço, ex militantes do Movimento Nacionalista Revolucionário, Túlio Quintiliano, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, as duas organizações eram adeptas da luta armada; Ênio Bucchioni, ex-militante da Ação Popular, além de militantes do movimento estudantil e jornalistas do jornal alternativo O Sol (CERDEIRA, s/d). Esses militantes, através de Mario Pedrosa<sup>16</sup>, estabelecem contato com Peter Camejo, dirigente do partido trotskista Socialist Workers Party (SWP) dos EUA (LOURENÇO, 2011), iniciando o processo de autocrítica da luta armada brasileira.

Os brasileiros certamente são marcados pelo combate político então em curso na IV Internacional (SU). O SWP junto com o PRT-LV argentino eram as principais organizações que formavam, nesse período, a Tendência da Minoria da IV Internacional (SU), posteriormente denominada Tendência Leninista Trotskista, onde criticavam frontalmente o guerrilheirismo adotado pela IV(SU) em seu XIX Congresso Mundial, 1969<sup>17</sup>.

---

acordo com o PRT-LV sobre a unificação, recebendo apoio deste partido. A questão sobre a adesão da futura organização à organização internacional vinculada aos rumos do movimento pela IV, seria decidida posteriormente. (Acuerdo Político Organizativo).

<sup>15</sup> Outubro surge vinculado à OCI. Seus membros eram militantes da OCI, mas mantém uma autonomia, com imprensa própria (a revista do mesmo nome) e com o objetivo definido de se incorporar ao processo de unificação dos trotskistas a partir do CU (Documento sobre Outubro, s/l, s/d, em francês)

<sup>16</sup> A aproximação com Mario Pedrosa acontece ainda no Brasil quando este junto com Túlio Quintiliano "moraram" na embaixada chilena no Rio de Janeiro, em 1970, a espera da permissão da ditadura para ir ao aeroporto rumo ao exílio. (FARIA, 2005, p. 25).

<sup>17</sup> Em dezembro de 1972 os dirigentes da TLT apresentam o documento *Argentina and Bolivia the Balance Sheet* na reunião do Comitê Executivo, onde, baseando-se na experiência então recente das lutas na Argentina e Bolívia, questionam a orientação política do foquismo e buscam a reorientação da internacional para a construção do partido revolucionário e o trabalho político no movimento de massas. Conf. *Declaration of Leninist and Trotskyist Tendency*. Disponível em <http://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1963-1985/usfi/pre-ltt->

Formam então o grupo *Punto de Partida*, um grupo de estudos e debates políticos visando os exilados brasileiros<sup>18</sup>. E em fevereiro 1971 lançam o documento *A proposito de un secuestro*<sup>19</sup> divulgado aos brasileiros exilados no Chile, onde realizam uma crítica à tática da luta armada desenvolvida por grande parte das organizações de esquerda no Brasil. Neste documento podemos ver o ponto de partida desta outra vertente do trotskismo. Vejamos.

Em *A proposito de un secuestro* é desenvolvida uma análise sobre a situação política brasileira que destoa da maioria das organizações de esquerda brasileira. É reconhecido que o regime conseguiu uma momentânea estabilidade ao conjugar, por um lado, a desarticulação das organizações de massas, neutralizando que a insatisfação social pudesse se expressar através de suas organizações, bem como utilizando “*las restricciones salariales y de la ausencia de libertades sindicales*” e por outro lado conseguiu dinamizar e acelerar o desenvolvimento econômico

La dictadura militar en Brasil desarticuló y desorganizó al movimiento de masas. En consecuencia, y aprovechándose de otros factores coyunturales, consiguió dinamizar el sistema, promoviendo una real aceleración del desarrollo económico. Al alcanzar victorias reales en este campo, le fue posible neutralizar oposiciones de amplios sectores de la pequeña burguesía, recuperándolos como base de apoyo social del sistema. (Revista de América, 1972: p.33)

Essa realidade era, por sua vez, desconsiderada pelos foquistas. E conseqüentemente os sequestros e outras ações dos grupos armados não alteravam essa situação. Mas para os trostkistas de *Punto de Partida* esta estabilidade da ditadura era momentânea, pois o Brasil não estava a salvo das contradições inerentes ao sistema capitalista e às suas crises cíclicas. “*La brusca dinamización del avance económico hará agudizar violentamente las contradicciones y acelerar el paso en dirección a la crisis.*”(idem, ibidem) Um momento de crise econômica brasileira aconteceria num futuro próximo trazendo consigo descontentamentos sociais, pressionando, a partir das camadas mais exploradas da população, as camadas intermediárias, o que acabaria por deslocar o apoio da pequena burguesia ao sistema. Tratava-se então de se inserir, mesmo nesse momento de refluxo, nas pequenas lutas e se preparar para o momento

---

[imt/ltt01.htm](#) (acesso em: 15/05/13). Parte desse documento pode ser conferido no site do Centro de Estudios y Investigaciones y Publicaciones (CEIP) <http://ceipleontrotsky.org/Las-lecciones-de-Bolivia> (acesso em: 15/05/13).

<sup>18</sup> Em 1973 o grupo vai lançar uma revista com o mesmo nome.

<sup>19</sup> Tratava-se da troca do embaixador suíço, raptado pela VPR, por prisioneiros políticos. O documento foi publicado posteriormente na *International Socialist Review*, New York, 1971, may vol.32 nº5; e na *Revista de América*, Buenos Aires, 1972, mayo-agosto nº8/9.

ascendente.

La preparación del proletariado y la educación de sua vanguardia política comienzan a partir de las luchas moleculares que se desenvuelven en la base de los gremios, aun en los períodos de reflujo comparables al que se vive hoy en el Brasil. Integrarse con las masas crecer junto al flujo ascendente para después emerger como el núcleo conciente del proceso, es tarea de la vanguardia. Los que hoy piensan poder saltar toda esa etapa de preparación recibirán más de una vez el veredicto de la historia. (Idem,ibidem)

O argumento central do documento, no entanto, é a crítica a concepção política comum às organizações armadas, estas caracterizadas como vanguardista. A recusa do sequestro não era feita a partir de princípios, mas porque ações como estas, assim como os assaltos a bancos, negavam às massas o protagonismo determinante nas transformações sociais, substituindo-as pela vontade de algumas dezenas de militantes. Para Punto de Partida a vanguarda revolucionária brasileira desconsiderava experiências históricas anteriores, como a do grupo terrorista russo narodnick, criticado por Lenin no Iskra e em *Que fazer?*

Ignorando los principios básicos de la lucha de clases, y de su propia lucha, incapaz de comprender el significado profundo de las relaciones de fuerzas sociales, la vanguardia en el Brasil se desprendió de las masa y redujo la revolución a una disputa entre el aparato del Estado y algunas centenas de revolucionarios. Las consecuencias no podían ser diferentes. La historia parece ironizar con aquéllos que simplemente pasaron por encima de sus experiencias anteriores. (Revista de América, 1972: 31)

A afirmação de que só era possível libertar prisioneiros políticos através dessas ações, por parte das organizações armadas, revelava um desprezo pelas massas, uma incapacidade de *“apoyarse en la confianza de que las masas participarán en futuras jornadas de lucha, que pasarán, inevitablemente, por la exigencia de libertades para todos los presos políticos.”*(Revista de América, 1972: 34)

Com base nisso os trotskistas desfazem alguns argumentos levantados que justificariam ações como a do sequestro do embaixador suíço. Um dos argumentos era de que os sequestros propiciavam e causavam a revelação de fissuras e divisões no aparato de Estado. Mas de que adiantava isso se as massas não podiam aproveitar essa situação, questionavam. Outro argumento era de que essas ações causavam impacto sobre as massas, ou serviam como propaganda armada. Impacto, propaganda? Com que propósito? E sobre o

argumento de que as massas aplaudiam essas ações, *A proposito de un secuestro* foi taxativo

Aquí está, por fin, la confesión total. De agentes de la historia, las masas fueran reducidas a la condición de simples espectadoras. Sólo nos resta imaginar a las masas explotadas del Brasil concentradas en un super estadio de fútbol para ver un partido decisivo entre algunas centenas de revolucionários y el Estado burgués. (Revista de América, 1972,p.35)

### ***Desdobramentos do Grupo Punto de Partida***

A perspectiva do grupo Punto de Partida era organizar um grupo político e retornar ao Brasil para intervir na realidade política do país. O retorno e o desenvolvimento de uma militância ativa eram mínimas para grande parte de seus integrantes, devido a aguda repressão existente. Assim, seus membros se dividem a respeito das tarefas a serem desenvolvidas pelo grupo. Para uma parte tratava-se de se integrara ao processo político chileno, inclusive ingressando em suas organizações políticas. Já para outra parte a tarefa principal era intervir entre os exilados brasileiros, preparando o retorno ao país (FARIA, 2005, p. 26-27)

Esse processo é interrompido com o golpe militar em 11 de setembro. Tulio Quintiliano é assassinado no Estádio Nacional logo em seguida e tem início outro período do exílio brasileiro. Fugindo da repressão chilena, os militantes do Grupo Punto de Partida buscam exílio em países da Europa e uma parte vai para a Argentina. Neste país, em dezembro de 1973, Jorge Pinheiro, Maria José Lourenço, Valderez Duarte e Waldo Mermelstein fundam a Liga Operária, já participante, a partir do contato com o dirigente argentino Nahuel Moreno do PRT-LV, da tendência minoritária da IV(SU), então chamada de Tendência Leninista Trotskista. Em 1974 retornam clandestinamente ao Brasil, intervindo inicialmente no movimento estudantil e buscando retomar o contato com ex-militantes do Punto de Partida exilados na Europa (FARIA, 2005, p. 27-29 e MERMELSTEIN, 2011). Em meados 1977 os militantes da Liga Operária lançam o Movimento Convergência Socialista.

### ***Os trotskismos na ditadura civil-militar***

A formação de uma quarta geração do movimento trotskista no Brasil, iniciada ainda em fins dos anos 1960, que se estende e se aprofunda ao longo dos anos 1970 é, como vimos, marcada, no caso das organizações aqui analisadas, pela recusa do reformismo conciliador representado pelo PCB e à alternativa armada. Por diferentes caminhos os trotskismos desse

período vão reafirmar a necessidade da construção do partido revolucionário, a intervenção no movimento de massas e a centralidade da classe operária na revolução socialista.

Um elemento importante dessa história é o exílio. O exílio permitiu o contato com outras realidades, situações políticas e experiências políticas, não só para os trotskistas, mas para todos os exilados brasileiros. Foi um momento de continuidade dos debates políticos, de recomposição, de mudanças de perspectivas pelos revolucionários brasileiros a respeito do processo político em curso no Brasil, bem como dos acontecimentos políticos de outros países, especialmente do Chile, país que recebeu muitos exilados brasileiros. Este debate das várias organizações políticas se deu centralmente através dos periódicos publicados por essas organizações durante o exílio (ROLLEMBERG, 1999). Em suma, o exílio é parte da história da esquerda brasileira.

O contato com o movimento trotskista internacional foi um fator importante no início dessa geração. Não se deve concluir daí, bem entendido, que essas organizações brasileiras eram meros representantes de organizações internacionais, o fato é que o nacional e o internacional estão dialeticamente inter-conectados, afinal, nunca é demais lembrar, a luta de classes vai além das fronteiras nacionais. Foi fundamental, principalmente para a FBT, o contato com o CI na França, contribuindo para a conclusão da superação do posadismo. Assim como o encontro de ex-militantes de organizações armadas com a Tendência Minoritária da IV(SU) no Chile foi central para a crítica desse alternativa de luta política e a redefinição do projeto político desses militantes.

A maior audiência que estes militantes tiveram no final da década de 1970 é o resultado da luta política que travaram no refluxo das lutas sociais, após o ascenso de 1968, o período de maior fechamento político no país. Estiveram contra a corrente!

## **Referências e Materiais Consultados**

### *Entrevistas:*

SIMAAN, Arakan. Entrevista concedida a Tiago de Oliveira em 03/02/2013.

### *Documentos:*

-“Ata discussão Vito Letzia e Spahn Just”, outubro de 1969. Ata redigida por Francisco Solano. Acervo pessoal de Arkan Simaan.

-“História do 1º de Maio”. Assinado por Gaspar, janeiro de 1973. 32 páginas. In: AEL, Fundo Luiz Araújo.

-“Contribuições à discussão do documento sobre a evolução do 1o de Maio elaborado por Gaspar.” 07/03/73. Assinado por Guilherme [Luiz Araújo].10 páginas. In: Arquivo Edgard Leurenroht: Fundo Luiz Araújo. Unicamp/Campinas.

-“Documento sobre o acordo político entre o PRT-LV e OC1º de Maio-FBT”. s/t,s/d, em espanhol. In: Archivo León Trotsky. (acervo disponível online, com acesso mediante subscripción: [www.archivoleontrtsky.com](http://www.archivoleontrtsky.com))

#### Cartas:

-“Carta de Manuel [Arkan Simaan] para Filinto [Francisco Solano]”, 25/02/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

-“Carta de Philippe [Francisco Solano] a Raul [Arkan Simaan]”, 02/03/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

-“Carta de Michel [ Vito Letizia] à direção da OCI”, 11/03/1970. (em francês). In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

-“Carta de Lino [Luiz Araújo] pra Raul [Arkan Simaan]”. 30/05/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

#### Revistas:

“Revista de América”. Buenos Aires, 1972, mayo-agosto, nº 8/9. In: In: Archivo León Trotsky.

“Revista Outubro”, s/l, abril de 1972, nº1. In: CEDEM/CEMAP: Fundo: Periódicos.

“Revista Punto de Partida”, Santiago, janeiro de 1973, nº1. In: Arquivo Pessoal de Arkan Simaan.

#### Jornais:

-“Chispa” nº1, agosto de 1967; “Chispa” nº2, setembro de 1967; “Chispa” nº3, outubro de 1967. In: Arquivo Edgard Leurenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181.

-Suplemento nº2 do jornal "Voz Proletária", fevereiro de 1969: "A Crise da Quarta Internacional e a Necessidade da Unificação das Tendências Trotskistas Mundialmente". In: CEDEM/CEMAP: Fundo Fábio Munhoz.

*Documentário:*

"Convergência Socialista e Ditadura Militar". Realização: Equipe de Comunicação do Partido Socialista Unificado. Roteiro: Luciana Candido. Novembro de 2011, 39'56". Disponível em :

<http://www.youtube.com/watch?v=zZc9l7xMoZY> . Acesso em 17/05/2013. Depoimentos utilizados: Maria José LOURENÇO e Waldo MERMELSTEIN.

*Bibliografia:*

BENSAID, Daniel. *Trotskismos*. Lisboa: Combate, 2007.

BIANCHI, Alvaro. É possível escrever a história recente dos trotskismos brasileiros? In: *Perseu*, Revista do Centro Sérgio Buarque de Holanda da Fundação Perseu Abramo. São Paulo, nº8, Ano 6. pp. 361-380., junho, 2012.

CERDEIRA, Bernardo. Liga Operária: Os primeiros passos. *LIT-CI*. Disponível em: <http://litci.org/especial/index.php/construcao/brasil/brasil-artigos/1913-primeiros-passos-a-liga-operaria> . Acesso em 16/05/2013.

FARIA M.M. *Partido Socialista ou Partido dos Trabalhadores? Contribuição à História do Trotskismo no Brasil. A Experiência do Movimento Convergência Socialista*. Dissertação de Mestrado. IFCS-UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

FREDERICO, Celso. *A Esquerda e o Movimento Operário, 1964-1984*. São Paulo; Novos Rumos, 1987. vl.1.

KAREPOVS, Dainis,. MARQUES-NETO, J. Castilho. Os Trotskistas Brasileiros e suas Organizações Políticas (1930-1966). In: REIS Fº, D. Araújo. RIDENTI, Marcelo (org's). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 2007.v5.

LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966)*. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

LÖWY, Michael. O movimento trotskista na América Latina: os anos 1950. In: *Cadernos AEL, Trotskismo*, Campinas, vol.12, nº 22/23, pp. 201-213, primeiro e segundo semestres de 2005.

REIS Fº, Daniel Araújo e SÁ, Jaria Ferreira. *Imagens da Revolução*. São Paulo, Expressão Popular, 2006. 2ªed.

RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo, Unesp, 2005. 2ªed. revista e ampliada.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio. Entre Raízes e Radares*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

SAGRA, Alicia. *A Internacional. Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo*. São Paulo, Ed. José Luís e Rosa Sundermann, 2010. 2ªedição.